

30

Transição Para o Ensino Superior: O Papel da Instituição e dos seus Actores no Processo de Adaptação

Márcia Cruz (1)

Anne Marie Fontaine (2)

(1) Escola Superior de Enfermagem do Porto.

(2) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A entrada no ensino superior é uma transição educativa (Chickering & Scholssberg, 1995 cit in Pinheiro, 2003) e como qualquer transição pode trazer aspectos positivos ou negativos para o desenvolvimento do estudante. Assim, para que seja capaz de prosseguir no sentido da adaptação às mudanças, o estudante deve ser capaz de mobilizar os seus recursos pessoais e dos sistemas a que pertence (Scholssberg, Waters & Goodman, 1995, cit in Pinheiro, 2003). Para tal, três elementos são essenciais: (i) identificação da transição; (ii) factores determinantes das respostas às transições; (iii) promoção ou reforço dos recursos individuais. Deste modo, o grande objectivo é dar oportunidade, ao estudante, de lidar com a transição de um modo mais positivo e adaptativo, evitando o aparecimento de perturbações e mal-estar.

Cada vez as instituições preocupam-se com a continuidade e sucesso dos estudantes dando “(...) maior atenção à formatação curricular dos seus cursos, à adequação dos cursos às solicitações sociais e do mercado de trabalho, aos processos de ensino, de aprendizagem e de avaliação dos conhecimentos, à formação pedagógica dos seus professores e à qualidade de vida no campus” (Almeida, 2002 cit in Almeida et al, 2003 p.4)

A literatura sugere que é na transição para o Ensino Superior que se regista uma maior incidência de problemas de adaptação, de rendimento e de permanência na instituição ao longo do 1º ano (Astin, 1993; Baker, McNeil & Syrik, 1985; Tinto, 1993 cit in Almeida et al, 2003). Chickering & Reisser (1993), propõem sete vectores de desenvolvimento, que pretendem traduzir as tarefas

desenvolvimentais com que o estudante se confronta na transição para o ensino superior:

- (i) tornar-se competente; (ii) gerir as emoções; (iii) desenvolver a autonomia e a interdependência; (iv) desenvolver relações interpessoais maduras; (v) estabelecer a identidade; (vi) definir objectivos de vida; e (vii) desenvolver a integridade. (Chickering e Reisser, 1993, p.38-39).

Por todas as questões desenvolvimentais, a transição para o Ensino Superior assume-se como um período crítico que se pode constituir de crise e/ou de desenvolvimento (Bastos, Silva & Gonçalves, 1996, cit in Araújo, Almeida & Paúl, 2003). Diversos estudos mostram que mais de metade dos estudantes universitários do 1º ano revelam dificuldades nesta transição ou até chegam a desenvolver psicopatologia (Araújo, Almeida & Paúl, 2003).

Astin (1993) citado pelos mesmos autores, aponta o grupo de pares, a universidade e o grau de envolvimento que o estudante tem com a experiência universitária, como os três aspectos fundamentais para o crescimento e desenvolvimento do estudante universitário. Assim, tem-se verificado que o sucesso académico é em larga medida determinado pelas experiências dos estudantes ao longo do 1º ano da universidade (Noel, Levitz & Saluri, 1985 in Ferreira, Almeida & Soares, 2001).

Da experiência enquanto docente numa Escola Superior de Enfermagem, confrontamo-nos frequentemente com declarações de insatisfação face à escolha do curso, afastamento da família e dos amigos, dificuldades em gerir o

tempo e as rotinas diárias (alimentação, cuidar da roupa e da casa...). Constatamos ainda sinais de ansiedade, choro, alterações do padrão de sono, nervosismo constante, dificuldade em se centrar no problema, perturbações alimentares, entre outros relatos que os estudantes vão partilhando nos corredores e mesmo, a pedido destes, nos gabinetes dos docentes.

Face às dificuldades partilhadas pelos estudantes e comportamentos observados pelos docentes, era urgente conhecer os intervenientes pessoais e sociais no mal-estar dos nossos estudantes, reflectir sobre as medidas mais adequadas a implementar em diferentes níveis (no estudante, no grupo de pares, no corpo docente, no plano curricular, na dinâmica da instituição) que pudessem promover a adaptação nesta transição e prevenir o mal-estar no nosso corpo discente.

Objectivos

Para melhor compreender as dificuldades dos estudantes de enfermagem, no processo de transição para o ensino superior, este estudo pretendeu conhecer quais as características individuais e circunstanciais que interferem nesta transição. Sendo a ansiedade um dos motivos mais frequentes que levam os estudantes a procurar ajuda psicológica (Pereira et al, 2002) associada também a baixos níveis de bem-estar, e o suporte social um dos recursos mobilizados nos processos de adaptação, parece-nos relevante conhecer em que medida a percepção de suporte social, por parte dos nossos estudantes, permitiria prever

alterações ao nível da ansiedade. Este conhecimento poderia servir de base à formulação de propostas de intervenção que promovessem a adaptação ao ensino superior.

Procuramos, assim, conhecer quais as características individuais e do meio que se relacionam com a ansiedade, nestes estudantes, e perceber de que modo o apoio social (dos amigos, professores, família e outros em geral) constitui um mediador neste processo de adaptação.

Metodologia

A amostra do nosso estudo é constituída por 239 estudantes, do 1º e 2º ano da Licenciatura em Enfermagem de uma escola pública da cidade do Porto. Estes estudantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 37 anos, com uma média de 19,32 anos.

Os sujeitos foram seleccionados com base no critério de se encontrarem a frequentar o 1º ou 2º ano da Licenciatura em Enfermagem da referida instituição e abranger sujeitos dos dois sexos. A recolha de dados realizou-se no início do 2º semestre da licenciatura, durante as aulas práticas, de modo a garantir o maior número de estudantes dos referidos anos curriculares. Assim, constitui-se uma amostra de conveniência com 239 sujeitos. O número total de estudantes inscritos no Curso de Licenciatura em Enfermagem, na referida escola, no 1º e 2º ano era de 316.

Nesta observação ex-post-facto foram recolhidas informações demográficas e outras características individuais permitindo avaliar a situação dos estudantes neste novo contexto, para além da auto- percepção de ansiedade e do suporte social (dos amigos, família, professores e outros em geral).

Foram consideradas variáveis independentes as características individuais dos sujeitos e a percepção do Suporte- social e como variável dependente a Ansiedade.

Como instrumentos para avaliar as variáveis em estudo foram utilizados a Escala de Ansiedade de auto-avaliação de Zung, a Escala Social Support Appraisal de Vaux e um questionário socio-demográfico. Relativamente às Escalas utilizadas foram avaliadas as suas características psicométricas (poder discriminativo dos seus itens; a estrutura factorial e a consistência interna). As administrações dos instrumentos foram realizadas de forma contrabalançada, de modo a impedir efeitos carry over e ocorreram em sala de aula, no início das aulas práticas para evitar a perda de sujeitos potenciais. As administrações foram precedidas de esclarecimento oral dos objectivos do estudo, forma de resposta, anonimato e confidencialidade dos resultados.

Realizamos a análise estatística recorrendo ao SPSS: Statistical Package for Social Sciences, versão 16. Para além da estatística descritiva (média, frequências, desvio padrão, percentagens), calculamos diferenças de médias entre as variáveis do nosso estudo e realizamos análises de regressão. Algumas variáveis foram recodificadas criando classes de resultados.

Resultados

Encontraram-se diferenças de média significativas entre algumas das características individuais e a percepção de suporte social dos professores (ser do sexo masculino; já conhecia a cidade; estava no 1º ano; estava deslocado; não escolheu o curso por ter saída profissional) e a percepção de suporte social dos amigos (participar em actividades extra curriculares na escola; estar muito ou plenamente satisfeito com o curso). Por outro lado, verificaram-se ainda diferenças de media significativas entre a percepção de suporte social dos professores e dos amigos com a Ansiedade. A análise de regressão para predição da Ansiedade (método stepwise) revelaram que 31% da variância da Ansiedade é explicada pelo Suporte Social Amigos e pela razão da escolha do curso “Não ter média para o curso que queria”, ($R^2 = .31$ ($F = 5.73$, $p \leq 0.05$)). Os coeficientes de regressão de cada uma destas variáveis independentes apontam para uma relação positiva significativa na variável “Não tinha média para o curso que queria” e uma relação negativa significativa na variável “Suporte Social Amigos”. As restantes variáveis independentes foram excluídas por não apresentarem valor preditivo.

Conclusões

Enquadrando o percurso no ensino superior numa perspectiva desenvolvimentista, parece-nos fazer sentido que a organização institucional crie meios de articulação e mediação entre os estudantes, suas organizações e a instituição com todos os seus actores.

Assim, a instituição em análise tem a figura de Coordenador da Licenciatura, a quem os estudantes recorrem muitas vezes em situações de dúvida e necessidade de tomada de decisão, no entanto, esta figura institucional poderia funcionar em rede com a Associação de Estudantes e alunos do 2º ano, já que os do 3º e 4º ano permanecem muito tempo fora da instituição, nos locais de estágio, e ainda com outros professores que seriam de referência ou professores-mentores. Esta rede de apoio providenciaria comportamentos de apoio (assistência directa na resolução de um problema, ajuda na reavaliação da situação, ou fornecimento de apoio após um acontecimento negativo) que se repercutiriam numa adaptação na transição para o ensino superior mais positiva e com menores níveis de ansiedade maior percepção de bem-estar.

Por outro lado, na ausência de stressores, a participação em contextos sociais pode promover a auto-estima, o envolvimento em acontecimentos agradáveis e pode ser ainda uma fonte de regras e figuras de referência (Menezes, 2007, p. 98), o que facilitará o processo de transição para o ensino superior. Deste modo, e tendo em conta a relevância mostrada do suporte social dos amigos, neste processo de adaptação, a instituição passou a proporcionar um conjunto de actividades extra-curriculares (teatro, defesa pessoal, yoga e dança) que tiveram um impacto positivo da adesão por parte dos estudantes. Desenvolveu-se ainda workshop's de recepção ao estudante do 1º ano, nos quais se discutem as diferenças deste novo nível de ensino, dificuldades possíveis e modos de lidar e ultrapassar as mesmas.

Um outro aspecto a reflectir prende-se com a necessidade de rever a formatação curricular e adequação do curso às solicitações sociais e do

mercado de trabalho. Assim, incorporou-se no curso duas unidades curriculares opcionais, sendo uma delas centrada no desenvolvimento de competências de empreendedorismo e criação do seu próprio posto de trabalho e uma segunda opção centrada no desenvolvimento pessoal e social, tendo por base o Modelo de Competências de Vida.

A pertinência da promoção do desenvolvimento dos estudantes de enfermagem, tendo como objectivos os sete vectores de desenvolvimento de Chickering & Reisser (1993), é reforçado pelo facto de os nossos alunos entrarem no mercado de trabalho muito jovens (21/22 anos) confrontando-se com realidades exigentes, como o lidar com a morte, sofrimento, dependência física e psicológica, adaptação a novos estados de saúde, confrontos esses que exigem do enfermeiro tomadas de decisão que passam, para além do conhecimento teórico, também pelo seu próprio estadio de desenvolvimento (desenvolvimento de um sentido de competência, desenvolvimento e integração das emoções, desenvolvimento da autonomia em direcção à interdependência, desenvolvimento das relações interpessoais, desenvolvimento da identidade, desenvolvimento de um sentido de vida e desenvolvimento da integridade).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leandro; GONÇALVES, Albertino; SALGUEIRA, Ana; SOARES, Ana Paula; MACHADO, Carolina; FERNANDES, Eugénia; MACHADO, José; VASCONCELOS, Rosa - Expectativas de envolvimento académico à entrada na universidade: estudo com alunos da Universidade do Minho. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, vol. 8, 1(2003), pp. 3-15.

ARAÚJO, Beatriz; ALMEIDA, Leandro; PAÚL, M.^a Constança. - Transição e adaptação académica dos estudantes à escola de enfermagem. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, vol.5, 1 (2003) pp. 56-64.

CHICKERING, A. W.; REISSER, L. - *Education and Identity*. (2nd edition) San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1993

FERREIRA, Joaquim; ALMEIDA, Leandro; SOARES Ana Paula. - Adaptação académica em estudantes do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF*, vol. 6, 1 (2001) pp. 1-10.

MENEZES, Isabel. *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva Psicológica*. Porto: Legis Editora, 2007.

PEREIRA et al. - A situação dos Serviços de Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior em Portugal. *RESAPES* (Rede de Serviços de Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior), vol. 1 e 2 (2002).

PEREIRA, Anabela; MOTTA, Elsa; VAZ, António; Pinto, Carolina; BERNARDINO, Olga; MELO, Ana; FERREIRA, Joana; RODRIGUES, Maria; MEDEIROS, Augusto; LOPES, Pedro - Sucesso e desenvolvimento psicológico no Ensino Superior: Estratégias de intervenção. *Análise Psicológica*, vol.1, XXIV, (2006) pp.51-59

PINHEIRO, Maria do Rosário - *Uma época especial: Suporte social e vivências académicas na Transição e adaptação ao ensino superior*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra, 2003.

PINHEIRO, Maria do Rosário - O desenvolvimento da transição para o Ensino Superior: o principio depois de um fim. Aprender, *Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*, vol. 29, (2004) pp. 9- 20.